

# humanitas



**Vol. XXVII-XXVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA  
MCMLXXV-MCMLXXVI



O trecho é típico daquela combinação de Cristianismo e Paganismo que tanto tem surpreendido e escandalizado os leitores modernos, ignorantes do espírito do Renascimento Quinhentista europeu:

Mas, ó tu, geração daquele insano  
 Cujo pecado e desobediência  
 Não somente do reino soberano  
 Te pôs neste desterro e triste ausência,  
 Mas inda doutro estado, mais que humano,  
 Da quieta e da simples inocência,  
 Idade de ouro, tanto te privou,  
 Que na de ferro e de armas te deitou.

Já que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enlevas a leve fantasia,  
 Já que à bruta crueza e feridade  
 Puseste nome esforço e valentia,  
 Já que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que devia  
 De ser sempre estimada, pois que já  
 Temeu tanto perdê-la quem a dá.

Mas a interpretação de Peter V. Marinelli, não obstante os seus méritos, peca por considerar os versos de Camões como simples exemplo exponencial de uma atitude literária, não tendo em conta outros valores. Teria sido conveniente uma referência à realidade histórica que essa profecia «post euentum» traduz, tanto mais que a grande maioria dos seus leitores nunca leu certamente *Os Lusíadas* e ainda menos a História de Portugal.

Inversamente, certos temas que ao conhecedor de uma única literatura, neste caso a portuguesa, parecem inseparáveis de um determinado condicionalismo histórico, podem na verdade reflectir igualmente uma atitude literária. Tal é o caso do poema «De Vita Aulica. Poetas ibi iacere» que André de Resende dedicou a Damião de Góis. Marinelli não cita qualquer exemplo português, mas a aversão ao paço, «onde os poetas vegetam», é um tema corrente na poesia europeia quinhentista, como o A. mostra (p. 23) e não constitui apenas a crítica de uma situação histórico-social portuguesa. E isto, mesmo tendo em conta que a acusação de desprezadores das letras, feita aos áulicos, se encontra em Portugal desde o latim de Cataldo Parisio, no princípio do século, às estrofes de *Os Lusíadas*, em 1572.

*Pastoral* termina com uma bibliografia crítica de obras sobre o assunto, na maioria recentes e quase todas em língua inglesa.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

NIGEL GRIFFIN, *Jesuit School Drama. A checklist of critical literature. Research bibliographies and checklists*, 12. Londres, Grant & Cutler, 1976, 54 pp.

Nigel Griffin, que já colaborou em *Humanitas* xxiii-xxiv, 1971-72, com um artigo intitulado «Some Jesuit theatre manuscripts», dá-nos agora uma bibliografia modelar sobre o teatro escolar dos jesuítas. E promete outras quatro «checklists» em torno do mesmo tema, a publicar nos anos próximos.

A bibliografia é cuidadosa e elaborada com minúcia crítica, dentro dos limites que o A. para ela define na Introdução. Assim, pude notar que o meu artigo «Um manuscrito de teatro humanístico conimbricense», onde foi revelada a existência do manuscrito existente na Hispanic Society of America, em Nova Iorque, é citado duas vezes, prova de que o A. verificou não serem absolutamente idênticas as versões de *Humanitas* xiii-xiv e dos *Estudos sobre a Época do Renascimento*.

Também o Prof. Griffin não esqueceu uma das dissertações sobre teatro jesuítico do Seminário de Latim da Universidade de Coimbra, já concluída quando, há anos, passou aqui, a saber, a de Ermelinda Emília Barbosa Couto, *Saul Gelboeus de Miguel Venegas* (1968) que, no artigo atrás referido, Griffin lamentava não estar impressa. Foi incluída nesta bibliografia com a indicação de «unpublished dissertation».

Estudos recentes sobre a matéria, não há muitos em Portugal, mas podem mencionar-se, pelo menos, três verbetes de *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*: o artigo de Domingos Maurício sobre «Cruz (Luís da)», o de Claude-Henri Frêches, «Jesuítico (Teatro)» e o meu, «Venegas (Miguel)». No Brasil saíram nos últimos anos alguns trabalhos sobre o teatro de Anchieta.

A.C.R.

EVRIPIDES. ORESTES. Edidit *Werner Biehl*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1975. LXII + 158 pp.

Depois de nos ter dado um excelente comentário do *Orestes* (*Euripides' Orest*, erklärt, Berlin 1965 — no mesmo ano em que saíra, em Florença, a importante edição de Di Benedetto), o qual fora precedido de um estudo sobre *Textprobleme in Euripides' Orestes. Intepolationen u. a.* (Jena/Göttingen 1955), Werner Biehl apresenta agora uma edição crítica da mesma tragédia, que logo à primeira leitura se

impõe como modelar, pela riqueza informativa e pelo equilíbrio das soluções adoptadas.

Efectivamente, num autor cuja transmissão manuscrita é demasiado vasta para se poder dominar em absoluto (cerca de trezentos códices) e numa peça que, pelo privilégio de pertencer à tríade bizantina, oferece *testimonia, loci similes e imitationes* em número elevadíssimo, a tarefa do editor torna-se singularmente complicada. É certo que, nas últimas décadas, se têm sucedido as investigações sobre os manuscritos de Eurípides (A. Turyn, *The Byzantine Manuscript Tradition of the Tragedies of Euripides*, Urbana 1957; G. Zuntz, *An Inquiry into the Transmission of the Plays of Euripides*, Cambridge 1965; V. di Benedetto, *La tradizione manoscritta Euripidea*, Padova 1965; A. Tuilier, *Recherches critiques sur la tradition du texte d'Euripide*, Paris 1968), todas elas precedidas em muito pela selecção clarificadora da edição de Murray; e que um passo importante foi dado em 1970 com a publicação do chamado palimpsesto de Jerusalém, por S. G. Daitz. Mas muitos problemas continuam por resolver, como o da relação entre *L* e *P*, sobre a qual os estudiosos não conseguiram ainda chegar a acordo.

O A. dedica a maior parte do prefácio à dilucidação destas questões, que analisa aduzindo numerosos exemplos do *Orestes*. Merecem especial atenção os que provam a afinidade entre *V* e *A* (que Di Benedetto considera não redutíveis a uma só família, mas com certo parentesco) e os que ajudam a esclarecer a já referida questão do parentesco entre *L* e *P*, bem como as relações destes códices com Moschopoulos ou com Thomas Magister.

Para os papiros, excepcionalmente numerosos no caso do *Orestes*, apresenta uma lista de lições correctas deles extraída, e outra que mostra a antiguidade de certas corrupções do texto. O exemplo mais interessante é o do *II*<sup>o</sup> (p. XXXV), onde se revela, no v. 343, uma daquelas repetições de sílabas de que Aristófanes troçara em *As Rãs* (v. 1314).

Relativamente às citações do *Orestes*, o A. faz uso prudente do *Gnomologium Vaticanum*, só onde há dúvidas na restituição do texto; e tem em conta os *testimonia* que contribuem para abonar a antiguidade de versos que têm sido suspeitos, o que o leva a readmitir mais de uma dezena deles (pp. XXXVI-XXXVII).

As interpolações são, de resto, um dos grandes problemas dos editores dos trágicos em geral, e do Eurípides tardio em particular. Sem chegar aos extremos de *As Fenícias*, o *Orestes* também conta com muitas ateteses, e, se Biehl levantou algumas das que Murray aceitara (e.g. em 82, que explica por uma elipse; em 136-139, que são dramaticamente necessários; e em 695, que mantém com base nos *testimonia*), o número total de versos considerados espúrios subiu em relação ao editor oxoniense. De todo este grupo, apenas um caso nos parece difícil de aceitar: a manutenção de 625, com exclusão de 626, os quais haviam ambos sido condenados por Schenkl, como repetitivos de 536-537 (a justificação de Chapouthier, na sua edição Budé, p. 53, nota 3, não é decisiva).

Também a colometria de Biehl o levou a fazer ou aceitar certas correcções ao texto, de entre as quais registamos como especialmente felizes a do v. 964, em que, considerando, como Musgrave, que *Περσέφασσα* é uma glosa, adopta a restituição de Heimsoeth, e a do v. 1006, em que exclui *μεταβάλλει* e preenche, no v. 1080, a lacuna que Murray assinalara, transpondo para esse lugar o sujeito *Ζεύς*.

Proposta sugestiva é também a que figura no aparato crítico ao v. 871, com base no escoliasta, de considerar *ἄρα* um topónimo.

Dois apêndices completam esta obra: um suplemento ao aparato crítico, em que fornece, para diversos passos, a 'interpretatio Latina' (sua ou alheia), ou outras explicações (designadamente de ordem estilística e sintáctica), ou ainda remissões para textos esclarecedores (e é interessante notar o uso que fez de Aretaeus, *De causis et signis morborum acutorum*); e outro com uma selecção de *testimonia, loci similes, imitationes*.

A terminar, uma sinopse métrica completada com uma análise estrutural da peça, que vem revelar, em muitos casos, uma simetria impressionante na construção do drama.

A nova edição teubneriana de Eurípides (para a qual o mesmo Biehl contribuíra, em 1970, com *As Troianas*) teve agora uma notável adição, que é já a quinta da série. Possa ela prosseguir no mesmo ritmo, para satisfação e utilidade dos estudiosos do «mais trágico dos poetas».

M. H. ROCHA PEREIRA

PINDARI CARMINA CVM FRAGMENTIS. PARS II. FRAGMENTA. INDICES.  
Post Brunonem Snell edidit Hervicus Maehler. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1975. VIII + 220 pp.

As reedições de Píndaro na Bibliotheca Teubneriana continuam a suceder-se em ritmo animador. A edição, em volume separado, dos fragmentos, que nesta mesma revista saudámos em 1966 (vol. XVII-XVIII, pp. 269-270), salientando as muitas novidades papirologicas que continha, e a alta qualidade do trabalho realizado pelo famoso mestre de Hamburgo, acaba de ser substituída por outra, preparada por um discípulo do Prof. B. Snell, H. Maehler — tal como já sucedera com os epínicios.

Desta vez, as novidades são poucas: três fragmentos, todos muito mutilados, dos quais dois provêm de papiros de Berlim (11477 e 21114), que vêm somar-se ao *II*<sup>7</sup>, com restos do Péan XXII, e outro de um papiro florentino (Inv. 557), a constituir o fr. 169b. No acrescento figuram ainda duas referências, uma extraída de Herodiano e outra da *Suda*. Todos estes elementos foram fornecidos em apêndice, bem como as alterações ao aparato crítico, à sinopse métrica e aos índices, pois, tal como vem sendo prática corrente das reedições teubnerianas onde as mudanças a efectuar são poucas, fez-se uma reprodução fotomecânica do modelo, assinalando na margem com um pequeno quadrado a existência de aditamentos.

Deve observar-se que, ao contrário do que é habitual nesta colecção, essas indicações nem sempre foram correctamente formalizadas: o «laterculus» foi esque-